

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 400 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



SS. MM. D. Carlos e D. A melia de Portugal

SUMMARIO

Texto e Gravuras

SS. MM. D. Carlos e D. Amelia de Portugal.	D. Antonio Joaquim de Medeiros.
D. Antonio José de Sousa Barrese.	D. Gaudencio José Pereira.
Dr. Antonio José Boavida.	D. Manuel Joaquim da Silva.
D. Henrique José Reed da Silva.	Pa tre Joaquim Ignacio.
D. S-bastião José Pereira.	Socção Piedosa.
D. João G. mes Ferreira.	Expedient'.

SS. MM. D. CARLOS E D. AMELIA DE PORTUGAL

Exorna-Lhes a fronte nobre o diadema da realza.
E dignamente.

Pelo nascimento e pela indole é o Snr. D. Carlos um portuguez genuino.

A sua illustração superior, manifestada, principalmente, em profundos estudos ichthyologicos, a que se tem dedicado com a tenacidade d'um consummado naturalista, dá-Lhe direito a um lugar de honra entre os monarchas europeus da actualidade.

A este predicado, que é grande, e o exalta no conceito do mundo culto e sabio, allia o Snr. D. Carlos um outro, que não menos o nobilita, perante aquelles que o têm como seu supremo magistrado.

O Snr. D. Carlos é um patriota, a cuja dedicação e esforços o nosso Paiz deve a conquista do lugar, que, de direito, lhe pertence, no convivio das nações da Europa.

A nossa alliança com a poderosa Inglaterra, de que auferimos incontestaveis vantagens, alicerça-se, ou pelo menos, consolidou-se na intima amizade que liga o Soberano d'essa forte e progressiva nação ao Monarcha portuguez.

Sua Magestade a Snr.^a D. Amelia, cuja gentileza e porte magestoso só podem ser excedidos pela belleza moral da sua alma, sempre propensa ao bem, posto que portugueza apenas por adopção, é entre nós a continuadora da alta missão de caridade, que tão notavel e benemerente tornou uma outra Rainha de Portugal—D. Leonor—espoza do Principe Perfeito.

Se esta deu o impulso á fundação d'esses institutos de caridade e beneficencia, puramente portuguezes, que se chamam *Misericordias*, tambem a Snr.^a D. Amelia tem empregado os seus mais louvaveis esforços e

alto valimento em minorar o infortunio d'esses infelizes, que a terrivel tuberculose escolhe para victimas de sua acção destruidora, ou que uma debilidade ingenua inutiliza para a lucta pela vida.

A Assistencia Nacional aos tuberculosos e o Dispensario são titulos immorredouros que prendem Portugal inteiro á sua Excelsa Rainha pelos laços da gratidão.

E não se circumscreve aos limites de Portugal continental o seu ardente zelo pelo bem estar dos subditos menos bafejados pela sorte.

O levantamento do nivel intellectual e moral das populações das nossas colonias tem-Lhe merecido sempre a maior attenção e interesse; do que dá testemunho inequivoco o entusiasmo que Ella imprime ás palavras de animação e estímulo, dirigidas aos missionarios d'este Collegio, quando elles, antes de seguirem para as Missões, que lhes foram destinadas, vão apresentar a tão excelsa Senhora os seus cumprimentos de despedida.

E' realmente consolador, nos tempos de decadencia, que vão correndo, e accusam enorme depressão nos caracteres, vermos sentados no throno de Portugal um monarcha e uma rainha, que tanta solitudine e actividade desenvolvem em prol d'um Povo, que é o Seu, e tem jus, pelas suas inolvidaveis tradições e arrojados committimentos no passado, a recuperar, no presente, os seus creditos abalados e reduzidos.





D. Antonio José de Souza Barroso

Eispo do Porto

Nasceu em Remelhe a 5 de novembro de 1854. Tendo concluído a sua carreira litteraria no Real Collegio das Missões, partiu para Loanda em 1880.

Foi parochio da ilha de Loanda e em 1881 encarregado de ir fundar a missão de S. Salvador do Congo, onde chegou a 13 de fevereiro do mesmo anno.

Ja mostrar quanto podia aquella alma onde nunca entrou o desalento.

A sua vocação para os grandes empreendimentos missionarios é Sua Ex.^a Rev.^{ma} que, accidentalmente, a confessa, ao recordar tempos saudosos da mocidade.

Diz assim na sua conferencia *O Congo, seu Passado, Presente e Futuro*: «Durante o meu tirocinio ecclesiastico em Sernache do Bom Jardim, no Collegio das missões portuguezas, Collegio para mim de inolvidaveis recordações, li incidentalmente alguns livros sobre assumptos africanos em geral e em particular sobre as antigas glorias nacionaes.

Ahi passavam como meteoros luminosos, deante do meu entusiasmo de rapaz os nossos ousados marinheiros, que mostraram á Europa, estupefacta, não só os contornos dos continentes, mas as enseadas e bahias do Atlantico.

Em seguida eu admirava o intimo consorcio da Cruz com a Espada, o missionario e o soldado, duas entidades que eu igualmente amava.

A figura de um velho quebrado pela doença, arquejante de fadiga, e sentado á sombra protectora de uma acacia, rodeado de neophytos, era para mim de um encanto extraordinario.

Por isso que me elevava a alma e que tinha alguma coisa de phantastico e sublime, teve uma realidade.»

E teve . . . porque devia tel-a.

Acaso não seria aquella enthusiasmo d'alma o pronuncio dos decretos da Providencia?!

Vamos vel-o. O Padre Barroso parte e após uma viagem de 150 kilometros atravez caminhos quasi impraticaveis chega ao seu destino.

A descripção d'esta viagem, interessante pelos dados scientificos que encerra e ao mesmo tempo pelo estylo despreocupado em que é feita, encontra-se na mesma conferencia que citamos.

Não podendo, porém, transcrevel-a toda, como era nosso desejo, transportamos para aqui os seguintes periodos, que são mais uma revelação dos sentimentos do Rev.^{mo} Bispo e como que a continuação do que acabamos de transcrever: «Os tresentos e noventa e sete annos que me separavam de Diogo Cam, o qual primeiro tinha admirado o grande estuario do Zaire, foram galgados pelo meu pensamento, e encaminhei a minha vista para o fuudo da bahia de S. Antonio a procurar o porto Pinda.

O porto lá estava; os nossos galões parece que ahi fundearam recebendo todo o commercio do Congo, mas não estavam lá: apodreceram carcomidos pelo guzano da nossa inercia.

Procurei ao menos o padrão que o descobridor do Zaire alli collocou, como uma sentinella da nossa posse e do nosso direito; tambem lá não estava.

Essa testemunha das nossas glorias projectava uma sombra tão dilatada e intensa, que um dia os sublitos marinheiros de sua Magestade Graciosa, para nos livrarem de um remorso, fizeram d'ella o alvo para experimentarem se as culatras dos seus canhões estavam tão limpas como as suas almas. Não desanimei; ao menos o velho convento dos franciscanos, esse convento que entre outros foi illustrado por Canactin, que tinha missões no baixo Zaire, no Bamba, etc., esse deve ainda attestar o nosso amor á Civilisação: as suas pedras ennegrecidas talvez ainda nos defendam contra a inveja e ingratição de estranhos!

O convento desmoronou-se; ha perto de um seculo que os seus habitantes retiraram; o ultimo roçar do burel do ultimo franciscano nos abrolhos do atalho, marcou o principio da derrocada.»

Não se podem ler estas palavras sem que o coração nos pulse com mais força, sentem-se subir aos olhos lagrimas não sei se de enthusiasmo se de saudade por tão grandiosos tempos.

O Padre Barroso ia continuar a grande obra dos dominicanos (1490) dos Conegos de S. João Evangelista (1505) dos Jesuitas (1548) dos Carmelitas descalços (1854) dos barbadinhos (1778) e do clero secular que em todas estas epochas alli foi mais ou menos abundante especialmente desde 1357 a 1367.

Muito tinham feito aquelles missionarios e a prosperidade do christianismo n'aquellas regiões chegava a um ponto verdadeiramente admiravel. Com effeito, só egrejas em S. Salvador, todas ellas importantes, existiam, além das dos Jesuitas, as seguintes: Sé, S. Miguel, N. S. da Conceição, S. Thiago, Vera Cruz, N. S. do Rosario, S. João Baptista, S. José, Espirito Santo, e ainda a do convento dos Capuchinhos e a da S. Casa da Misericordia.

Nas immediações da Capital existiam sete parochias, das quaes, segundo o testemuho do Padre Barroso, já não havia vestigios, quando chegou aquelles logares.

Das egrejas acima referidas existiam apenas signaes de suas ruinas «marcadas entre as grandes hervas por alguns cômodos pouco elevados, exceptuando a antiga Sé, que conservava alguns pedaços de muros levantados e o arco da Capella mór em perfeito estado de segurança.»

Os costumes, porem, d'aquellas epochas obstavam a que o Christianismo penetrasse o coração dos indigenas e assim foi que a acção christã d'aquelles missionarios deixou da sua passagem apenas uma tradição apegada áquellas ruinas.

Os vicios dos homens tinham impedido a obra de Deus.

E' extraordinario como a suave poesia do Christianismo jamais abandona os logares, em que um dia demorou; ao

lado da recordação das prepotencias dos nossos primeiros colonos e mesmo de alguns missionarios lá estava o perfume encantador de um rei christão, amigo do seu povo e desinteressado—o Rei Affonso I do Congo.

E, talvez, devido a isto, foram o Padre Barroso e a sua gente recebidos com agrado e certa alegria mesmo.

O Padre Barroso levava ordem de requisitar d'aquelles povos auxilios para a reconstrução d'aquelles monumentos; isto devia agradar áquelles povos ou, pelo menos, despertar-lhes a curiosidade.

Demais, o próprio Rei do Congo, devido talvez á mesma influencia da tradição a que acabamos de referir-nos, já tinha pedido missionarios para o seu povo.

Um outro facto ha ainda no relatorio que o Padre Barroso mandou ao Bispo de Angola em 15 de julho de 1881, descrevendo a recepção feita pelo Rei do Congo no dia da sua chegada.

Diz assim: «Depois dos primeiros cumprimentos foi-lhe apresentada pelo Capitão Mena a carta que S. M. F. El-rei de Portugal lhe enviava.

N'este importante documento era convidado o Rei do Congo a prestar á Missão Catholica, que se ia estabelecer em seus estados, todos os auxilios Moraes e materiaes que lhe fosse possivel, para que, assim coadjuvada, ella podesse desenvolver toda a sua actividade e produzisse todos os resultados que d'ella com justo titulo se podiam esperar.

Concluida a leitura da carta, o Rei agradeceu em palavras breves, mas elevadas, os beneficios que do Rei e do governo portuguez tinha recebido em muitas conjuncturas e na presente occasião, enviando-lhe a Missão que elle ha tanto tempo desejava para o seu reino.

Em seguida levantou-se e veio respeitosa e beijar os crucifixos que pendiam do peito dos missionarios».

Foi sob estes bons augurios que o Padre Barroso estabeleceu a sua missão de S. Salvador, em 13 de fevereiro de 1881.

Depois de, por espaço de dois mezes, residirem em umas miseras palhoças, continuamente encharcados por chuvas continuas, o que lhes causou terriveis febres, mudou o Padre Barroso a sua residencia para uns telheiros que construiu, pondo assim ao abrigo das tempestades o pessoal missionario e auxiliar. Um dos compartimentos foi elevado ás honras de capella, até que fosse construida outra melhor.

Immediatamente começaram a cultivar uma pequena porção de terreno e abriram a escola.

E' preciso notar que, não obstante haver allí já uma missão protestante, com a qual muito se dava a familia do fei, de escolas não havia uma sequer.

Do proprio Rei dizia o Padre Barroso: «acha-se infelizmente dominado pelo interesse que lhe vem da missão ingleza. Creio na bondade e pessoa e mesmo na tal ou qual dedicação do Rei do Congo para com os portuguezes; cohibe-se, porem, de a manifestar, para não offender as susceptibilidades dos ministros inglezes, cujos valiosos e frequentes presentes constituem a sua primeira fonte de riquezas».

Pois bem; pouco tempo depois o Padre Barroso era considerado pelo Rei do Congo como o seu maior amigo, educava-lhe os filhos, um dos quaes o acompanhou a Portugal na qualidade de embaixador de seu pae, destruia a influencia ingleza a ponto de o Rei do Congo se tornar o mais devotado amigo de Portugal n'aquellas paragens, levava-o a abandonar completamente a polygamia e a receber o SS. Sacramento do matrimonio, que lhe foi administrado pelo Bispo de Angola.

E esta influencia do Padre Barroso foi duas vezes grande—grande pelos resultados obtidos, grande porque é

ainda o seu nome a maior carta de recommendação n'aquelle reino.

Não obstante aquella primeira indiferença do Rei do Congo, a missão progredia: em 1883 dotava-a com um posto meteorologico a cujas observações o Padre Barroso se refere na conferencia em que já falámos; em 1884 dota-o com uma especie de missão filial em Madeimba. O Padre Barroso não era só o obreiro do Evangelho, era tambem explorador. E é assim que continuamente o vemos em viagens com intuito scientifico; aos seus relatorios a este respeito a Sociedade de Geographia fez a devida apologia.

Foi, pela sua conhecida influencia, o grande mediador entre as questões d'aquelles povos, o viajante a que ninguem jámais tolheu o passo.

Sabio, estudou a região e os povos sob todos os aspectos.

Tantos serviços não podiam ficar esquecidos e assim vemos o condecorado com o habito de Christo em 1883, louvado em Portaria do Ministerio da Marinha em 1885, agraciado com a Commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa em 1886.

Em 1888 volta á Patria retemperar as forças abatidas; mas nem aqui deixa de ser o missionario incansavel, o sabio explorador. As suas conferencias, já na Sociedade de Geographia, já na Mocidade Catholica e Atheneu Commercial do Porto, são ainda a revelação das suas observações e uma pregação a favor da civilização da Africa.

la voltar á sua missão, quando o governo o nomeou Prelado de Moçambique; nomeação esta que o Santo Padre approvou preconizando-o Bispo de Hymeria em 21 de Julho de 1891.

Partindo para a sua diocese fez a visita pastoral que se tornou celebre, e ia prover ás reformas que julgou precisas, quando em 1895 teve de vir á Europa para curar da sua saude, extremamente abatida pelas febres.

Era, pouco tempo depois, transferido para a Sé de Mejiapor, onde esteve apenas 13 meses.

N'este curto espaço de tempo fez a visita pastoral a todas as Missões de Calcuttá, Baudel, Daccá e Nazary.

Creou a escola de Punicail, reedificou o orphanotrophio de Madras, construiu edificios para as escolas de Nerapatum, reformou o Seminario, construiu um convento para franciscanos, deu ao Seminario uma livraria e catalogou todo o archivo da secretaria.

Por morte de D. Americo foi nomeado Bispo do Porto, onde fez a sua entrada solemne em 2 de agosto de 1899.

D. Antonio Barroso é o maior missionario portuguez d'estes ultimos cem annos. é uma das glorias de Portugal e a maior do Real Collegio das Missões Ultramarinas, cujo filho extremoso sempre tem sido.





Dr. Antonio José Boavida

Superior do Real Collegio das Missões Ultramarinas

Nasceu em Alpedrinha a 9 de Março de 1838. Tendo concluído a formatura em Theologia em 1860, recebeu n'este mesmo anno ordens menores e o subdiacnado, e no seguinte o diaconado e presbyterado.

Dedicou-se á oratoria sagrada, produzindo magníficos discursos, sendo para notar o que recitou na Sé de Castello Branco, por occasião do nascimento do actual Rei D. Carlos. Exerceu os cargos de Commissario dos Estudos e Reitor do Lyceu de Castello Branco, inspector das escolas, e, por diversas vezes, procurador da Junta Geral do Districto de Castello Branco. Foi eleito deputado em 1870 pelo circulo do Sabugal e reeleito pelo mesmo circulo em 1871 e 1884 e, d'então até hoje, varias vezes tem sido honrado com igual mandato. Tambem foi Par do Reino electivo pelo districto de Beja. Desde 1871 a 1883 foi Vigario Capitular e Governador do Bispado de Beja, onde deixou innumeradas sympathias.

Escreveu então os *Trabalhos Pastoraes*, collecção de documentos relativos ao seu governo, e uma *Memoria* sobre a conservação do mesmo Bispado; causa foi esta por Sua Ex.^a defendida, tanto em Portugal como em Roma, aonde foi, a expensas suas, fazer valer seus argumentos. A conservação d'este Bispado deve-se aos esforços do Dr. Boavida.

Como presidente da comissão administrativa do hospital civil de Beja, tão relevantes serviços prestou, que mereceu ser louvado por Sua Magestade em Portaria expedida pelo ministerio do Reino.

Nomeado Conego, Arcypreste e mais tarde elevado á dignidade de Deão da Sé Patriarchal, exerce cumulativamente desde 31 de Maio de 1885 o cargo de

Superior do Real Collegio das Missões Ultramarinas, em que foi provido por decreto de 21 do dito mez.

Patentear aqui com segurança e imparcialidade os inauditos esforços e innumeradas difficuldades, que Sua Ex.^a teve a vencer, ao tomar posse de tão elevado, quanto espinhoso cargo, é tarefa ardua e ingrata para os acanhados moldes d'um artigo, porque receamos ser infieis na exposição singela dos factos, que põem em relevo as altas qualidades e o fino criterio adoptado por Sua Ex.^a na gerencia d'este importante instituto de educação missionaria.

O Dr. A. Boavida, sem lisonja o affirmâmos, é um espirito superior, alevantado e generoso, que, no meio egoista e esteril em que vivemos, se tem imposto á admiração publica, reconhecendo-se n'elle um cidadão benemerito, que tem sabido honrar o seu paiz com os mais notaveis e assignalados serviços.

A decadencia das missões catholicas que, de ha muito, se vinha accentuando, pelo abandono a que uma politica mal orientada tinha votado as nossas colonias, foi sem duvida o pundonoroso motivo que estimulou a grande alma patriótica do Dr. Boavida, levando-o a emprehender o grandioso plano de regenerar a obra missionaria, á qual estão ligados por laços indissolueis a estabilidade e o resurgimento do nosso feracissimo patrimonio ultramarino.

A culpa d'esta decadencia não provinha dos missionarios e muito menos do Instituto.

A patria mal sabia que, em paragens longinquoas e insalubres, filhos extremosos velavam pela sua honra, que obreiros benemeritos arroteavam o solo, onde pouco e pouco vem germinando a civilisação amparada á Arvore da Cruz, que soldados esforçados defendiam heroicamente o seu patrimonio, que tantas canceiras custára; a patria, de mãe, tornara-se madrastra.

Se algum, mil vezes ferido, baqueava em terra, tarde era substituído, e jámais virá em seu soccorro um irmão d'armas. porque os não havia.

Era preciso, pois, que a patria conhecesse os seus filhos, para os proteger, era preciso que de qualquer fórma se tornasse duradoira a obra do missionario, e que ao combatente ferido no largo campo de tamanha lucha outro prestasse soccorro, e o substituisse em seu posto de honra.

Mas d'onde viria a protecção efficaz para tão santa e patriótica empreza?

Foi pelo exame reflectido d'este emocionante quadro que o Dr. A. Boavida comprehendeu a sua nobre missão, e que, como vamos vêr, a levou a cabo á custa de enormes sacrificios, e com uma constancia inequalavel.

No dia 1.º de Junho de 1885, tendo reunido o Conselho Geral, o superior propunha: «que sendo de reconhecida necessidade a creação d'um jornal illustrado, destinado ao serviço das missões, se requisitasse ao governo de Sua Magestade uma typographia».

Nada, porem, conseguiu do governo; resolveu portanto, levar ávante ideia de tamanho interesse para as missões, embora tivesse de dispender, alem de trabalho, auxilios pecuniarios. E foi assim que estabeleceu um accordo com o director do *Clero Portuguez*, a fim de n'este jornal ser reservada uma secção, que, sob a direcção do Superior do Collegio, publicasse todos os documentos, cuja publicidade podesse ser util ao Instituto.

Devia, além d'isto, o mesmo director do *Clero Portuguez* imprimir, em separado, 500 exemplares dos *Annaes das Missões* e distribuir pelos missionarios em serviço e auctoridades ultramarinas 220 exemplares do jor-

nal, cuja importancia (572.000 reis) ficava a cargo do Instituto.

Isto, alem de tornar conhecidos os trabalhos dos nossos missionarios, o que lhes trazia necessariamente a estima e consideração de todos os que se interessam, de alguma fórma, pela civilisação e bom nome portuguez, estreitava as relações entre os missionarios das diferentes possessões, dando-lhes novo vigor e estimulo em seus trabalhos.

O proprio governo anteviu esta utilidade, por isso que, tendo-lhe sido communicado aquelle accordo, em officio de 24 de agosto do mesmo anno, o approvou e louvou em Portaria de 21 de setembro seguinte.

Em 8 d'este mesmo mez dirigiu o Snr. Dr. A. Boavida á Rainha D. Maria Pia uma representação, cujo resumo é o seguinte: largo é o Real Padroado Portuguez e para milhares d'almas não surgiu ainda a aurora da Redempção; é preciso, pois, que essa redempção surja rapida e seguramente, é preciso civilisar-as pela organisação da familia christã.

Ora, como a mulher é o mais seguro esteio d'esta sociedade, e a educação feminina só será completa, se fôr ministrada por corações de mulher formados ao calor vivificante do Christianismo, preciso é que se aproveitem os esforços isolados e boas vontades de Senhoras Religiosas, que, ao menor signal, partirão para o seu posto d'honra exactamente com o mesmo proveito para a civilisação, como tantas de suas irmãs estrangeiras.

Pedir protecção para ellas é um dever. «Digne-se, pois V. Magestade iniciar e presidir a uma associação de Senhoras Portuguezas e Brasileiras, que promovam e auxiliem a instituição das escolas christãs nas nossas possessões ultramarinas.

Que se organise, para este fim religioso e humanitario, uma ordem de distincções honorificas, que recompensem os relevantes serviços, que, por ventura, «se prestem a esta obra civilisadora».

Esta representação mereceu encomios de toda a imprensa, sem distincção de côr politica.

Nem sempre as estações officiaes acudiram pressurosas em auxiliar a boa vontade do Dr. A. Boavida, na serie de melhoramentos materiaes e moraes, com que actualmente se acha dotado o Real Collegio das Missões; todavia a sua infatigavel actividade e o seu zelo inquebrantavel no desenvolvimento da obra missionaria, a que o seu alto espirito se consagrou, não esmorecem, ao contrario, mais se estimulam e incitam, como é proprio dos corações generosos e emprehendedores.

E' assim, que Sua Ex.^a concebe o plano de augmentar a dotação e o numero de alumnos do Collegio que julga insufficientes para occorrer ás necessidades das Missões do Real Padroado.

N'este sentido officiaa o benemerito superior ao ministerio da marinha, em 7 d'outubro de 1885.

Vencendo as maiores difficuldades e obstaculos de toda a ordem, conseguiu em breve ver realisado o seu supremo desideratum.

Ao tomar posse do cargo de Superior do Collegio das Missões, em 1885, o numero dos alumnos não excedia a 80; hoje, este numero está elevado a 132, ordenando-se, durante a sua gerencia, cerca de 180 missionarios.

Para conseguir taes resultados, não tem S. Ex.^a descurado a aquisição dos recursos necessarios.

Todo o paiz conhece sufficientemente o ardor, com que S. Ex.^a se empenhou junto dos poderes publicos, para serem adjudicados ao Collegio das Missões os rendimentos do legado de D. Marianna d'Austria, conseguindo, depois d'uma porfiada lucta de quasi 20 an-

nos, que este importantissimo legado fosse entregue á administração d'este Instituto.

E, como este, poderíamos citar innumerous factos para demonstrar, á sociedade, quão efficaç e fecunda tem sido a sua actividade, durante os 20 annos de gerencia no elevado cargo de Superior do Collegio das Missões.

Devido, por isso, aos seus constantes esforços, a dotação do Collegio tem augmentado, as condições economicas tem consideravelmente melhorado, e o quadro dos estudos ampliado, provendo sempre, com cuidado meticoloso, para que se subministre aos jovens missionarios uma educação solidamente piedosa e um ensino adequado e proficuo.

A sua solicitude, verdadeiramente paternal, para com os missionarios não se exerce apenas durante a sua vida escolar, mas até nas missões, onde, nas horas do desalento e do desconforto, encontram no seu dignissimo Superior um desvelado protector e um prudente conselheiro, que os dirige e apoia no arduo desempenho do seu munus sublime.

A sua alma, generosamente aberta aos affectos magnánimos, o dispõe sempre a acolher benignamente os desprotegidos, a amparar os perseguidos; e n'ella encontram appello a justiça, o merito e a virtude.

O que rapidamente expomos é sufficiente para se concluir quão proficua tem sido a acção patriótica do benemerito Superior do Collegio das Missões.

Portanto, é com justo motivo e santo entusiasmo que n'este dia, fazendo votos pelas prosperidades de S. Ex.^a, lhe tributamos este humilde, mas sincero preito de homenagem e indelevel gratidão.



D. Henrique José Reed da Silva

Bispo Titular de Trajanopolis

Nasceu em Lisboa. Filho do Collegio das Missões, concluido o seu curso partiu para Loanda em 1881, onde foi paroco da freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

Em 31 de agosto do mesmo anno era nomeado Provisor e Vigario Geral d'aquella Diocese.

Em maio de 1882 já os seus meritos extraordinarios o tinham elevado a Governador do Bispado.

Em premio dos seus bons serviços foi ainda pouco depois nomeado Chantre da Sé de Loanda.

Em 1884 foi nomeado prelado de Moçambique, Bispo titular de Philadelphia, pouco tempo depois Coadjutor do Arcebispo de Gôa e finalmente Bispo de Meliapor, tendo tomado posse da sua Diocese em 1887.

Desenvolveu então uma actividade extraordinaria.

Creou os jornaes *Boletim Ecclesiastico da Diocese de Meliapor* e *The Catholic Register*, ambos redigidos pelos missionarios de Sernache.

Fundou o seminario Diocesano, Orphanologios para ambos os sexos, Asylos para velhos, um laboratorio pharmaceutico, que fornecesse, gratuitamente, remedios aos pobres, em Calcutá um Lyceu, com internato para meninas, institutos de disciplinas preparatorias sob a direcção dos missionarios de Sernache, e um outro Lyceu que habilitava para a Universidade.

Não conhecemos Bispo algum tão rapidamente elevado a esta dignidade. Deviam ser extraordinariamente relevantes os seus meritos.

A este proposito lemos n'um jornal de então a seguinte local:

«Mais um alumno do Collegio das Missões acaba de ser elevado ao episcopado, ainda no verdor dos annos.

«No dia 4 de maio recebeu a sagração episcopal na igreja dos Paulistas, em Lisboa, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Henrique Reed da Silva, Bispo titular de Philadelphia, prelado de Moçambique.

«Supponos que deve ser o Bispo mais novo da Christandade, tendo-lhe sido conferidas as primeiras ordens em 1877, na igreja do Collegio das Missões, quando o Ex.^{mo} Snr. Bispo d'Angra visitou aquelle Collegio, que lhe é tão querido.

«O Ex.^{mo} Snr. Bispo de Philadelphia vae ter uma area immensa para os seus apostolicos trabalhos na prelazia de Moçambique, confiada ao seu zelo e direcção.

«Por entre as dolorosas provações porque ultimamente tem passado o Collegio das Missões, não podem os seus respeitaveis professores e estimaveis alumnos deixar de sentir uma grande consolação, vendo mais um filho d'aquelle Collegio subitamente elevado ao episcopado.

«Como o Snr. Bispo Medeiros o Snr. Bispo de Philadelphia é uma grande gloria para o Collegio de Sernache, e d'essa gloria partilha o Collegio, e partilham todos os alumnos que d'elle tenham saído, ou que n'elle ainda vivem.

A todos affectuosissimos parabens».



D. Sebastião José Pereira

Bispo de Damão e Arcebispo Titular de Cranganor

E' natural de Proença a Nova, onde nasceu em 1857.

Entrando como alumno para o Collegio das Missões em 1872, n'elle fez um curso brilhante, devido antes á robustez do seu luminoso talento, do que ao prurido de sobresair.

A modestia foi sempre o seu caracteristico.

Por isso, e pela sua indole expansiva e boa, logrou conquistar, sem esforço, a sympathia geral de professores e alumnos.

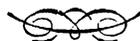
Em 1880, ordenado de presbytero, embarcou para as missões da provincia d'Angola, e, após alguns mezes de demóra em Loanda, enquanto se faziam os preparativos indispensaveis para a installação d'aquelle posto missionario do Congo, que aureolou de renome o Padre Barroso, seu primeiro Superior, para lá seguiu como seu companheiro e cooperador, em principios de 81.

Durante 6 longos annos alli consumiu o Padre Sebastião Pereira o melhor da sua actividade e do seu acendrado zêlo; mas, permanecendo sempre couraçado na sua proverbial modestia, nunca os seus serviços, que foram relevantes, tiveram o echo condigno e merecido, fóra da região do Congo.

Alquebrado de forças, não tanto pela inhospitalidade do clima, como pela rudeza dos trabalhos, a que o brio e o desejo de bem servir a religião e a patria o impulsionavam, regressou ao Reino em 87; e n'esse mesmo anno, mediante proposta do Ex.^{mo} Superior, Dr. Antonio J. Boavida, foi nomeado por Decreto de 28 d'outubro professor de Sciencias Ecclesiasticas, no Collegio das Missões.

No desempenho d'este cargo, que exerceu com grande proficiencia e rara dedicação, se conservou até 1897, anno em que o Governo de S. Magestade, aquilatando devidamente os seus serviços e merecimentos, o nomeou Prelado de Moçambique.

Só depois de grande reluctancia, que mais pôz em relevo o seu desprendimento, e apenas tem expliação



no seu entranhado affecto ao Collegio que o educou, consentiu em acceitar aquelle espinhoso cargo.

Fazendo, assim, o sacrificio do que elle mais estimava—o seu viver obscuro, mas proficuo, no estabelecimento a que o vinculava intensa gratidão—quiz, contudo, dar-lhe uma prova decisiva de sua muita estima, escolhendo-o para n'elle se effectuar a imponente e tocante cerimonia da sua sagração episcopal, em janeiro de 98.

A saudosa recordação d'esse dia festivo e jubiloso não se apagará, jamais, na memoria dos que o acompanharam no tocante acto, merecendo especialisação o seu intimo amigo e companheiro, annos antes, na missão do Congo, D. Antonio Barroso, Bispo do Porto. E razão havia para isso. Ninguem, melhor do que o illustre antistete, conhecia os altos merecimentos do novo bispo, e se empenhara mais na sua elevação ao episcopado.

Em 7 de julho do mesmo anno desembarcava o Snr. D. Sebastião José Pereira na cidade de Moçambique, fazendo a sua entrada solemne, e assumindo o governo da Prelazia, que, durante dois annos, lhe absorveu toda a solitudine e actividade.

Em 1900, porém, teve de resignar-se a deixar, não sem custo, a sua Prelazia, porque a Diocese de Damão, que vagara, reclamava e impunha a sua transferencia para aquella Séde.

Alli se encontra, pois, desde 1901, espalhando a flux os beneficios do seu comprovado tacto governativo, traduzidos em importantes reformas no Seminario Diocesano, em visitas pastoraes ás dispersas christandades, confiadas á sua solitudine, e em outros emprehendimentos, nos quaes o seu zêlo apostolico transluz com fulgurante brilho.



D. João Gomes Ferreira

D. João Gomes Ferreira

Bispo de Cochim

Não eram os simples apontamentos biographicos que vão ler-se: era um panegyrico altisonante, era uma glorificação publica e imponente em que vibrasse todo o immenso coração da Patria portugueza, o tributo que merecia a memoria do cidadão prestantissimo, do apostolico missionario, do martyr invicto, do Bispo exemplar, que se chamou D. João Gomes Ferreira.

Homens d'esta tempera, heroes que assim reúnem o valor, a intrepidez, a constancia e o zelo christão e patriotico á modestia, á mais acrysolada virtude, á mais admiravel doçura evangelica, vencem, attrahem, conquistam os corações mais rebeldes:—não illustam sómente uma familia, um Estabelecimento por onde passa fugitivo o brilho da sua intelligencia e o aroma das suas virtudes: são o lustre, são a gloria d'uma nação inteira!

A desprimorada penna que traça estas linhas, o coração que presta este culto, singelo mas ardente, conheceu o heroe de quem vae occupar-se; foi seu companheiro nas lides, bem arduas mas bem gloriosas, da evangelização de Timor; viveu e aprendeu a amar o proximo, ainda o selvagem, ao calor d'aquelle peito generoso, sob o influxo magico d'aquelle dedicação immensa: teve em D. João mais que um respeitavel superior, mais que um amigo dedicado, um verdadeiro pae, pois que elle o era para todos os seus collaboradores.

E', porém, livre e insuspeito: livre, porque já não vae offender a modestia do illustre extinto, mas estimular a admiração e o ardor dos vivos:—insuspeito, porque não existe adulação posthuma na humilde voz que vae unir-se ao coro de louvores prestado a um nome tão geralmente conhecido.

Nasceu o Snr. D. João Gomes Ferreira a 9 de junho de 1851 em S. Romão d'Aguiar de Sousa, concelho de Paredes, Bispado do Porto, de paes duplamente favorecidos por Deus: nos bens da fortuna, que eram abundantes, e principalmente nos da virtude, em que eram riquissimos, como prova a esmerada e altamente religiosa educação que souberam dar a seu filho.

Feitos os seus primeiros estudos em Abragão e no lyceu do Porto, sentindo-se com verdadeira vocação para a vida sacerdotal, veio completal-os brilhantemente n'este Seminario, que justamente se orgulha hoje de ter aperfeiçoado o coração e o espirito de tão illustre filho.

Sua affabilidade e virtude mereceram-lhe logo de superiores e collegas uma confiança e sympathia nunca desmentida, até á sua Ordenação sacerdotal, conferida pelo Em.^{mo} Cardeal D. Americo em 19 de Julho de 1874.

Em 1875, embarcou como missionario para Macau, onde por quasi tres annos exerceu o cargo de professor e Vice Reitor do Seminario.

Um campo de acção mais vasto lhe estava reservado na nossa colonia de Timor, que foi talvez a mais bella perola da sua coroa d'apostolo e martyr.

Chegou ahi em 1878, sendo nomeado Parocho de Dilly por Portaria de 17 de setembro do mesmo anno.

Tendo desde já a seu cargo nada menos de quatro mil almas, a sua actividade immensa, incançavel, não podia satisfazer-se.

Seria longo enumerar os serviços a que se dedicou,

e impossível a quem não tivesse sido testemunha presencial imaginal-os, bem como o zelo, a constancia e admiravel paciencia com que os exercia.

Parece que se multiplicava: parece que tinha o dom da ubiquidade; pois ainda bem não estava catechizando e exercendo outras funcções na igreja parochial, já o viam animando os presos na cadeia, ao lado dos enfermos no hospital, ou ao longe, na palhoça perdida no meio das selvas, aonde o chamava a voz desfallecida d'um moribundo.

A 20 de setembro de 1880, lançou a primeira pedra para a fundação da igreja de Manatuto, uma das melhores, se não a mais bella da ilha: e não descançou enquanto não a viu construida, auxiliado pelo infatigavel trabalho e aptidão d'outro missionario, felizmente ainda vivo, o Rev.^{mo} Padre Anacleto Garcez.

A 15 de fevereiro de 1881, foi nomeado interinamente, e a 20 de novembro de 1882 definitivamente, superior da Missão, succedendo ao benemerito fundador, Padre Medeiros, que acabava de ser eleito Bispo Coadjutor de Goa.

Foi então que elle alargou ainda mais, se é possível, as suas vistas e abraçou mais estreitamente, não a christandade d'uma parochia, mas a de toda a ilha. Percorreu-a logo de uma ponta a outra durante quasi um anno, fundando muitas escolas e igrejas, onde se tornavam mais necessarias. Penetrou na região dos Lamekitos,—os povos mais selvagens e aguerridos, que medem a sua valentia pelo numero de cabeças cortadas aos estranhos sob qualquer futil pretexto—e ahi mesmo foi bem recebido, onde nenhum missionario ousara ainda ir.

Tal foi o prestigio que em breve adquiriu, que não havia ninguem, desde o mais rude selvagem ao mais graduado funcionario, que não o amasse pela suave atracção das suas virtudes, ou não o respeitasse pela lucidez da sua grande intelligencia, largueza de vistas e firmeza d'acção.

Não lhe faltaram, apesar d'isso, graves dissabores: aão que os provocasse, mas porque a perseguição por amor da justiça sobredoura o merito dos verdadeiros apóstolos de Jesus, que havia dito aos primeiros: «*Si me persecuti sunt, et vos persequentur*».

Não pode occultar-se esta pagina fulgurante da sua vida, a pagina triste mas gloriosa em que as sombras e horrores d'um carcere dão relevo á figura epica dos martyres do christianismo.

Era em 1881 para 82.—Mal terminára a revolta do reino de Laleia contra o Governo, e por toda a parte se viam ainda cadaveres, sangue, horrores, destroço. As proprias capellas haviam sido destruidas; as imagens quebradas e queimadas; os paramentos profanados, servindo de ornato aos selvagens guerreiros, tudo isto por ordem e instigação do seu chefe, o sacrilego D. Manuel, verdadeiro iconoclasta que de christão só tinha o nome.

Este individuo, sem se haver reconciliado com a Igreja, sem signal algum d'arrependimento, pretendia prestar juramento de fidelidade e vassalagem sobre os santos Evangelhos.

Ao bondoso Superior não lhe soffria o animo assistir a este novo insulto feito a Jesus e á sua divina Palavra por um homem n'estas condições.—Combinou pois verbalmente com o Governador, que era o snr. Cardoso de Carvalho, ha pouco fallecido, deixar de assistir a esse acto, que nada devia ter de religioso.—Qual não foi, porém, o seu espanto, quando, um domingo ao terminar a missa conventual, encontra a igreja cercada, e recebe intimação, por ordem do mesmo Governador,

de seguir os esbirros ao carcere publico de Dilly, como desobediente á auctoridade!!

Seguiu-os resignado, contente mesmo de soffrer pelo nome de Jesus.

Para examinar a sua correspondencia official sobre o assumpto, foi nomeada arbitrariamente uma commissão de funcionarios civis: e o unico que teve o desassombro de afirmar que alli não havia uma só palavra offensiva da auctoridade, foi immediatamente demittido!

Em breve a consciencia publica se insurgiu contra tal violencia: os indigenas romperam em affectuosas e espontaneas manifestações de pesar, e teriam ido arrancar da prisão aquella innocente victima, se não fossem as suas proprias exhortações e de todos os missionarios, que, sendo tambem aggravados, procuraram, não obstante, acalmar os animos.

Contentaram-se, em unanime espirito de solidariedade, com dirigir ao Governo de Sua Magestade uma respeitosa supplica pedindo justiça, que em breve lhes foi feita.

O Governador foi mandado retirar, e a nuvem passou, transformada em auréola.

Não citar este facto, seria imperdoavel omissão: não citar aquelle nome seria talvez projectar uma sombra sobre tantos Governadores illustres que n'aquella colonia teem acatado as nossas crenças e honrado o nome portuguez.

Continuou, pois, o benemerito Superior a sua grande obra de civilização, ampliando os dois Collegios, fundando novas escolas no interior, e em Lahane a escola d'artes e officios, de cujos beneficos resultados deu testemunho bem claro, e ao mesmo tempo bem insuspeito de favoritismo, um official do nosso exercito, hoje fallecido.

Quando assim a vida lhe corria placida e elle se julgava mui feliz no meio do querido rebanho que o extremecia, eis que inopinadamente lhe chega a noticia de que havia sido nomeado Bispo de Cochim, por Decreto de 25 e Carta regia de 27 de novembro de 1886.

Só depois da sua morte se soube quantos subterfugios tomou, quantos esforços, quantos pedidos fez ao Ex.^{mo} Nuncio e a todos os que julgava poderem livral-o d'esse encargo, que a sua grande humildade e modestia temiam.

Não reflectia talvez em que suas escusas, pondo a descoberto o grande fundo de virtude que possuia, mais serviam para convencer os que o nomearam do acerto da escolha.

Era um desaggravo, uma bella compensação que o nosso Governo lhe dava, emfim; mas nada podia resolver-o senão a obediencia ás ordens terminantes da Santa Sé.

A sua formosa alma expandia-se d'este modo com o auctor d'estas linhas, um dia, no caminho de Lahane para Dilly:

—Então, Padre ***, que lhe parece a minha desgraça?

—Mais uma sapientissima determinação da Providencia, que exalta os humildes.

—O quê?! Diz-me que devo acceitar?! E onde estão os meus merecimentos? (E ao dizer isto, copiosas lagrimas lhe corriam pela face veneranda).

—Se V. Ex.^a deseja saber a minha humilde opinião, dir-lhe-hei que somos nós, os missionarios e os naturaes de Timor, quem deve chorar. Feliz diocese de Cochim, que vae resurgir do seu longo abatimento, da sua viuvez secular!

Estava-se em fevereiro de 1887, e S. Ex.^a devia

embarcar a 27 de março para Macau, onde teria logar a sua sagração.

Mas eis que a 3 de março, das 8 para as 9 horas da manhã, mesmo ás portas da cidade, e sem que ninguém tivesse podido prever que algumas pequenas questões tivessem tão fatal desenlace, rebenta uma revolta de indigenas, e o mallogrado Governador Alfredo Maia, que n'aquella occasião ia passando, e que não era realmente o primeiro visado pela ira popular, cáe barbaramente assassinado a golpes de zagaia!

Desperta n'aquelles barbaros o instincto da crueldade, e a embriaguez do sangue. Julgando-se já senhores do campo, e sem receio da artilharia que immediatamente foi postada na embocadura das ruas, diziam na sua lingua, entre gargalhadas d'escarneo: «Ami óhis ona fahi mutin ida: séluco ida né'e halai ona, âmi oe buca nia» «Já matámos um chacim branco: o outro fugiu, mas nós havemos de ir buscal-o»! . . .

Simplemente horroroso, e profundamente humilhante!

Era o nosso prestigio que se perdia no meio da hesitação e assombro geral dos europeus, sem que ninguém ousasse tomar a grave responsabilidade de tão afflictivo momento! E para reaver esse prestigio seriam necessarios rios de dinheiro e sacrificio de muitas vidas; por que a aliança defensiva entre os povos do interior tornaria a sua resistencia tenacissima.

Tres homens passaram seguros pelo meio d'essa turba infrene, e não houve contra elles um gesto, uma palavra d'ameaça. Mas o attentado estava commettido, e não podiam já remedial-o. Eram missionarios! personificavam a brandura, o respeito, a caridade, o ascendente moral, emfim.

Que admiravel condão!

Pois nem tantos foram necessarios para amainar aquella onda, para suster aquella torrente impetuosa, que seria, decerto, a primeira erupção d'uma revolta geral.

Lá vem a toda a pressa o anjo da paz, o apostolico Padre Gomes, sózinho, com o prestigio da sua modesta batina, com a magestade da sua frente abrazada, com a amplidão do seu peito arquejante, com o seu sorriso conciliador . . . («que até n'essa occasião me foi necessario o sorriso da amargura»—dizia elle depois).

Chega!—encontra tudo ainda parlamentando sobre o melhor meio de concluir o delicto projectado, matando tambem o secretario,

—Ema fúic! Emi halo sá ia né'e?—Gente barbara!—Gente barbara!—que fazeis vós aqui?

—Malái séluco ia né'e bé? âmi buca tan nia.—On-de está o outro europeu?—Nós procuramol-o tambem a elle.

—*Nai secretári iha hau nia uma! hau maca hacáhic nia.—Emi hacárac tama ia Na'ilulic sira nia uma ato óho nia?—Tama ba! emi sei sama hau nia icim: hau hacárac mate uloco!*

O Snr. Secretario está em minha casa! sou eu quem o defende.

Quereis entrar em casa dos Padres para o matar? Pois entrae, muito embora; mas sabeis que haveis de esmagar o meu corpo! eu quero morrer primeiro!

Palavras sublimes! defeza extraordinaria, que mais apreciará ainda quem conhecer que não se tratava d'um acto pedido pela gratidão ou pela amizade. Ao contrario!

—Di'ac ba! (respondem elles) Na'ilulic bóote harúca, ami sei ctuir: Está bem! O Snr. Padre Superior manda, nós havemos de seguir.

E na manhã do dia 4, o Secretario passava incólume pelas ruas mais concorridas em direcção ao em-

barque, acompanhado ainda pelo bondoso e heroico Padre Gomes.

Foi, pois, verdadeiramente providencial a sua permanencia em Timor, d'onde não sahiu emquanto, com sua admiravel tactica, não conseguiu assegurar a tranquillidade, obtendo promessa formal de muitos regulos do interior, e entregar os cabeças de motim, pela mão dos seus proprios chefes.

Estes commoventes episodios já foram devidamente exaltados no magnifico discurso do eminente Estadista snr. Barros Gomes a 5 de maio de 1887, e na Communicação á Sociedade de Geographia pelo Ex.^{mo} Snr. Superior d'este Collegio, em 17 d'abril de 1893.

Mas é justo que taes factos desçam das altas regiões ao conhecimento de todos, para que melhor apreciem a poderosa influencia de missionarios como este.

Realisou-se em fim a 21 d'agosto, em Macau, a sagração do novo Bispo de Cochim, sendo sagrante o Ex.^{mo} Bispo Medeiros.

Antes de dar entrada na sua Diocese, procurou resolver, quanto possivel, as duvidas relativas a compensações pela transferencia de bens e delimitação de territorios que deviam passar d'uma para outra Diocese, em virtude da recente Concordata sobre a reorganisação do nosso Padroado no Oriente.

As conferencias e correspondencia trocada n'este melindroso assumpto a fim de conciliar os direitos e exigencias da Propaganda com as conveniencias religiosas das christandades e os direitos do governo portuguez, o modo satisfactorio como tudo foi resolvido, em fim, são monumentos immorredouros da sua intelligentissima e perseverante prudencia, que não eram para uma ligeira referencia ao correr da penna.

Mas é tão exuberante e fructifero o jardim da sua vida admiravel, que a difficuldade está em conter n'um artigo o que devia ser objecto d'um volume.

No dia sempre memoravel 23 de novembro de 1887, a vetusta cidade de Cochim rejuvenescia ao receber, depois de tão longa viuvez, um novo pastor, e demais precedido de tão justa fama, aureolado de tão bella e universal coroa de sympathias e virtudes.

Eram espontaneas, eram delirantes as manifestações de jubilo e respeito. Por que n'aquelle instante pulsavam unanimes mais de setenta mil corações!—Setenta mil vozes clamavam harmonicas: «*Benedictus qui venit in nomine Domini!*»

O semblante do santo Prelado chorava e sorria ao mesmo tempo.

Neste mundo não ha prazer completo; por isso nem mesmo n'esta occasião o poderia haver para elle.

O jubilo expansivo dos seus novos filhos, as felicitações do seu novo Clero, recordavam-lhe as lagrimas e saudade dos que deixara, a cooperação dedicada, a amizade intima, a incondicional obediencia dos seus queridos missionarios de Timor.

Em breve appareceu um testemunho publico dos seus sentimentos de saudade na primeira Pastoral, de 12 de dezembro, a paginas 4, onde se lêem as mais commoventes palavras.

Impossivel se torna cital-as, para não alongar este escripto.

Entre muitas expressões d'affectuosa saudade, elogia a docilidade do povo timorense e o zelo desvelado dos missionarios: digna-se affirmar que elles eram a sua força, a sua coragem, a sua consolação e a sua gloria. Depois, descobrindo ainda melhor os thesouros do seu coração sensível, termina por estas enternecedoras phrases:

«Oh!—Se a voz do Senhor nos não chamara a

outra Missão, a este novo apostolado, jamais abandonaríamos o nosso posto, e não teríamos também sentido esta dura separação, a que nem lagrimas nem soluços souberam mitigar a dôr!»

Basta!—Do modo como S. Ex.^a Rev.^{ma} administrou, regeu, desinvolveu a sua amada Diocese, do interesse que lhe mereciam todas as questões, de como luctou para destruir a absurda distincção das castas, de como se informou de todas as necessidades, do zelo ardente de que deu provas na visita pastoral, começada logo no 1.^o de Janeiro de 88, de tudo isto pode formar-se uma idéa pelo que fica dito.

Devotissimo do Sagrado Coração de Jesus, consagrou-lhe logo toda a Diocese.

Reedificou egrejas, dotou asylas, fundou escolas, até reconhecidas e approvadas officialmente pelo Governo inglez.

Não havia obra de beneficência, emprehendimento bom, que não estivesse disposto a animar e auxiliar, não só com palavras, mas com subsidios pecuniarios. Era inexgotavel a sua caridade!

Houve porém uma empreza que lhe cavou a sepultura, que foi o marmore precioso do seu tumulo.

Não havia Paço episcopal nem Cathedral; porque os hollandezes, ao entrarem em Cochim, em 1663, movidos do fanatismo sectario e odio contra tudo o que era catholico e portuguez, haviam destruido ou profanado tudo, excepto a igreja de S. Francisco, que converteram em templo protestante.

Emprehendeu pois o apostolico Prelado, não a construcção do seu Paço, por que não exigia commodidades quem tantos annos vivera em humildes cubatas, mas d'um templo que servisse de Cathedral, digno de figurar sem desdouro ao lado dos que possuíam os Vicariatos Apostolicos.

Só esse fim podia arrancar o d'entre os seus filhos espirituales, e fazel-o vir a Portugal depois de tantos annos d'ausencia.

Veio angariar meios de realizar este novo sonho dourado.

Alcançou do Governo um subsidio, e abriu uma subscrição para a qual um benemerito irmão seu concorreu com a avultada somma de 500,000 reis.

Mal pensava que vinha também receber a ultima despedida da extremosa familia, e que tão proximo estava o termo de seus preciosos dias.

Mal pensava também a Diocese de Cochim, ao receber pela segunda vez o seu zelosissimo Pastor, que tão depressa havia de perdê-lo.

Quando as obras da nova Cathedral estavam já muito adiantadas, quando Bispo e fieis contavam vêr em breve a inauguração d'esse novo padrão de gloria, fructo de tantos trabalhos e vigílias, eis que na quarta feira Santa, 14 d'abril de 1897, desaba de repente a nave esquerda e quasi todo o tecto do edificio, sepultando esperanças e sacrificios, esmagando debaixo do seu enorme peso d'escombros o coração do santo Prelado!

Mas a vitalidade d'esse coração era também enorme; a firmeza d'essa esperança era inabalavel!

Confiado na generosidade do Real Padroeiro, que não lhe recusaria novos recursos, parte para Goa no dia 20 d'abril, com o fim d'obtel-os, e desabafar a sua grande dôr no peito, também magnanimo, e verdadeiramente seu amigo, do Ex.^{mo} Patriarcha das Indias.

Não devia, porém, encontrar confortos para a vida terrena, mas doces balsamos para a eternidade: lagrimas sentidas d'esse que tanto o amava, em cujo Paço ia exhalar o ultimo suspiro, a cujos braços ia

confiar o corpo inanimado, em cujas preces fervorosas ia confortar a alma immaculada antes de desprender-se para o seio do Eterno.

Morreu santamente como vivera, em consequencia d'uma febre violenta e rebelde, contrahida durante a grande tempestade que se levantou n'aquella ultima viagem.

Foi martyr da sua dedicação até ao fim!

Em perfeita lucidez, recebeu todos os Sacramentos. Ao sentir approximar-se o Sagrado Viatico, levantou-se ainda por si, pediu que lhe vestissem a batina preta de missionario, e, ao ver entrar no seu aposento a Santissima Eucharistia, exclamou, com o semblante transfigurado pelo fervor: «Vinde, Senhor!—vnde, que muito vos amo!»

D'ahi em diante, os seus instantes decorreram em doces aspirações e jaculatorias, até que, ás duas e cincoenta e cinco minutos da manhã de 4 de Maio, entregava a sua bemdita alma ao Creador!

Goa e Cochim prestaram-lhe o sentido tributo d'orações e lagrimas a que tinha direito.

Este Collegio dedicou-lhe exequias solemnissimas em que tomaram parte outras duas glorias suas:—os Ex.^{mos} Snrs. D. Henrique, Bispo de Trajanopolis, que celebrou de Pontifical, e D. Antonio, Bispo do Porto, que pronunciou uma formosissima oração funebre.

A patria reclamou os seus restos mortaes, e ornar-se-ha sempre com o lustre e gloria de tão nobre e santo filho.

E o seu humilde biographo e antigo companheiro de trabalhos, convencido de que tem no ceu um protector como na terra teve um verdadeiro amigo, termina a sentida homenagem repetindo com um distincto poeta latino:

Maestus sum nimium; lacrimans haec carmina scripsi,
Ac haerent animo tristia plura meo.



D. Antonio Joaquim de Medeiros

Bispo de Macau

Natural de Villar de Nantes, foi educado no Real Collegio das Missões Ultramarinas, d'onde partiu para Macau, ordenado Presbytero em 1872.

Foi logo nomeado professor e reitor do Seminario d'aquella cidade.

Em 1875, tendo a ilha de Timor passado a fazer parte da Diocese de Macau, o Deão da respectiva Sé, Manuel Lourenço Gouveia, que a governava enquanto não chegasse o Bispo que para ella então fôra nomeado, D. Manuel Bernardo de Souza Ennes, nomeou o Padre Antonio Joaquim de Medeiros visitador das Missões de Timor, com plenos poderes, para que seguramente o informasse do estado religioso d'aquella nossa colonia.

O Padre Medeiros partiu a cumprir o seu encargo em fins do mesmo anno, levando o Rev.^{do} Carlos Joaquim dos Santos, que voluntariamente se prestara a coadjuval-o.

O estado das missões era então o mais desgraçado possível.

Diz assim o Snr. D. João Gomes Ferreira, fallando d'ellas: Havia egrejas, mas em todas ellas reinava o desalinho, a falta de aceio e a immundicie, sendo ainda para notar que á excepção da de Dilly, que era de alvenaria, consistiam em barracões de madeira tosca, cobertos de folhas de palmeira. Havia tambem alguns chistãos, mas abandonados aos costumes barbaros e gentilicos, não se notando differença alguma entre o seu viver e o dos pagãos.

Alguns sacerdotes indios que ahi existiam, por desgraça, estavam muito longe de corresponder á sua nobre missão.

Foi isto que o Padre Medeiros encontrou na sua visita e foi isto mesmo o que veio declarar ao governador do Bispado no relatório que d'ella fez.

Não se limitava porem a descrever os males; propunha remedios: era preciso começar de novo a christianisação d'aquelles povos, estabelecer novas missões com sacerdotes europeus e fundar escolas e collegios de educação.

Emfim Timor possuia n'este tempo altares abandonados e padres que não resistiam á influencia degra-dante do meio selvagem em que viviam.

Em harmonia com o relatório que o Padre Medeiros lhe tinha apresentado em maio de 1876, o Rev.^{mo} Governador do Bispado poz logo em pratica as medidas que julgou mais urgentes, mandou retirar os padres indios para as suas diocesses e nomeou Vigario Geral interino em Timor o Padre Gonçalves dos Santos, que ficára em Dilly encarregado dos negocios ecclesiasticos pelo Padre Medeiros.

Em dezembro do mesmo anno, tendo chegado o Ex.^{mo} Snr. Bispo D. Manuel Ennes e com elle 5 missionarios de Sernache já destinados ás missões de Timor, foi o Padre Medeiros enviado áquella possessão fundar as nossas missões juntamente com os novos missionarios chegados e alguns mais que já no anno antecedente tinham chegado a Macau com o mesmo fim.

O Padre Medeiros acceitou a commissão e tendo adquirido o que julgou mais necessario — imagens, quadros, paramentos sagrados, mobílias e outros objectos de uso domestico, tudo no valor de 4:000\$000 reis, partia para Timor em 10 de abril de 1877 aonde chegou a 2 de agosto seguinte, após tormentosa viagem, em companhia dos missionarios: Carlos Ferreira Baptista, Sebastião Maria Apparicio da Silva, Manuel Maria Alves da Silva, José Antonio Pires, Francisco Xavier de Mello, Francisco Pedro Gonçalves, Manuel José Branco (europeus) e Francisco Lang (china).

A esse tempo já o Padre Carlos G. dos Santos tinha comprado para residencia de missão uma pequena casa em Lahane.

Ahi se accommodaram os missionarios para des-

cansarem dos incommodos da viagem e se orientarem sobre a vida e costumes dos indigenas.

Pouco depois o Padre Medeiros fazia a distribuição do seu pequeno exercito da Cruz.

O Padre José Antonio Pires foi em 5 de Julho mandado fundar a missão de Batugadé e na mesma data partia o Padre Xavier de Mello, com igual fim, para Occussi.

Pouco depois chegava a vez de marchar aos Rev.^{dos} Alves e Apparicio, que com a mesma commissão dos primeiros, se dirigiram respectivamente para Manatuto e Lacluta.

Os restantes foram assim distribuidos: o Padre Baptista, parochó de Dilly, o Padre Pedro Gonçalves, parochó de Bidau e Hera e coadjutor do parochó de Dilly, o Padre J. Branco, parochó em Montael e professor de instrucção primaria em Dilly, o Padre Lang encarregado da catechese e aula aos seus patricios.

Um sacerdote indigena o Rev.^{do} Jacob dos Reis e Cunha, nomeado missionario ambulante na costa do Sul.

Assim fundou o Padre Medeiros as missões de Timor.

Os missionarios correspondiam religiosamente ao fim que lhes tinham destinado.

Logo nos primeiros tempos o Padre J. Branco contava 135 alumnos na sua aula, os Padres Apparicio e Pires 16 e 20, o Padre Xavier perto de 30.

Os alumnos, porém, cêdo abandonaram a escola, pelo que o Padre Medeiros resolveu fundar novos institutos de mais solida educação, e assim em 1877 abre dois collegios de educação para ambos os sexos.

O primeiro foi entregue aos missionarios e o segundo a Religiosas Canossianas.

Se os indigenas sentiam reluctancia em instruir os filhos, muito mais afastavam as filhas das escolas e collegio, pois que era contra os seus costumes educar e instruir a mulher.

Tendo, porém, sido matriculadas por ordem do Governador do Districto algumas meninas tuteladas do governo e chegando outras jovens das familias principaes que os missionarios do interior da ilha conseguiam convencer, a má vontade dos indigenas foi cedendo e em breve tempo os collegios começaram a corresponder ao fim que o Padre Medeiros tinha em vista — a formação da familia christã.

Se os collegios tão boas esperanças davam e eram de utilidade tanta, o Padre Medeiros em breve reconheceu a grande conveniencia de os installar em edificios apropriados que mandou construir, por serem insufficientes, incommodos e anti-hygienicos os primitivos.

Por haver falta de Missionarios em Timor o Rev.^{mo} Bispo de Macau mandou, com os auxilios precisos para a construcção dos collegios, mais tres padres de Sernache.

Eram elles: o Padre João Gomes Ferreira, o Padre Joaquim Ignacio e o Padre Anacleto Cotrim da Silva Garcez.

Chegados estes missionarios, o Padre Medeiros tentou fundar mais duas missões, uma em Maubara, outra em Laleiá.

Para a primeira foi mandado o Padre Joaquim Ignacio, que pouco tempo depois voltou doente, sendo substituido pelo Rev.^{do} Garcéz, que em breve foi transferido para Lacluta.

O Padre Branco não pode installar-se em Laleia por causa da rebellão contra o governo que tinha por cabecilla Manuel dos Remedios.

Porém mais tarde este ultimo missionario estabeleceu-se em Baucau, que pouco tempo depois teve de

ser abandonada, porque em fevereiro de 1879 foi chamado para Macau.

Para ali sahiram em principios de 1880 o P. Lang mais dois companheiros, e para Portugal, cansado e doente, o Padre Joaquim Ignacio e tambem o Padre Branco que nem mesmo em Macau pudera alcançar o seu restabelecimento.

Não obstante este exodo assustador e inevitavel, o Padre Medeiros foi-se mantendo nas posições primitivamente occupadas.

Attentos os seus meritos, em 30 de Dezembro de 1881 foi nomeado Bispo coadjutor do Arcebispo de Gôa e em 1882 confirmado Bispo titular das Thermopylas.

Em 1884 foi apresentado Bispo da diocese de Macau.

Desde esta data até 1897 gastou sua vida em proveito da diocese que tão merecidamente lhe foi confiada, desenvolvendo uma actividade extraordinaria, principalmente depois da sua visita pastoral em 1886. Entre outras medidas de largo alcance estabeleceu piedosas e sabias regras para a direcção dos missionarios, deu largo impulso aos hospicios de leprosos e admittiu as Irmãs Canossianas, as quaes, conforme o testemunho unanime dos nossos missionarios, têm prestado heroicos e relevantissimos servicos.

Falleceu em Timor no dia 7 de Janeiro de 1897, tendo servido as missões durante 24 annos, com uma dedicacão que excede todo o louvor.



D. Gaudencio José Pereira

Arcebispo-Bispo de Portalegre

Figura nobre e bondosa de Prelado.

Principe da Igreja, é, em seu tracto, o mais simples e affavel dos Pastores.

Modelo de virtudes civicas e religiosas, a sua auctoridade tem a mansidão forte de um Apostolo; e o seu porte carinhoso é o de um discipulo de Jesus de Nazareth, Mestre Divino que acariciava as creanças, rendidamente captivas á sua voz e soccorria os pobres com o celeste conforto que sempre encontráram n'aquella fonte de misericordia.

O Instituto das Missões Ultramarinas, celebrando o seu quinquagesimo anniversario, tem a rigorosa justica de não esquecer um amigo sincero e defensor desvellado como é, sem lisonja, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo-Bispo de Portalegre.

Receba pois S. Ex.^a Rev.^{ma}, a homenagem do nosso reconhecimento e gratidão.



D. Manuel Joaquim da Silva

Arcebispo de Adrianopolis

Nasceu no lugar da Paparia, freguezia de Sernache do Bom Jardim, concelho da Certã, a 18 de dezembro de 1744.

Filho de Domingos da Silva e de D. Anna Joaquina, de origem pleblea, sem mais titulos de nobreza que as virtudes paternas, tanto elle como seus irmãos foram elevados aos altos cargos que exerceram, unica e simplesmente pelos seus doctes de espirito superior.

Foi o mais velho dos nove filhos d'aquelles humildes cidadãos e um dos mais illustres dos seus irmãos, cuja lista pela ordem do nascimento é a seguinte:

D. Marcellino José da Silva (16-7-1749). Doutor Theologo pela Universidade de Coimbra, Freire da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, foi nomeado Bispo de Macau em 1789.

Julião Caetano Gomes da Silva (16-2-1751). Foi cavalleiro da Ordem de S. Thiago e exerceu altos cargos na Camara da Certã.

José Alexandre da Silva (2-5-1756). Foi graduado em Canones pela Universidade de Coimbra, Juiz dos Orphãos em Alfama, Corregedor de um bairro da cidade de Lisboa e Desembargador Regio.

Frei Pedro dos Martyres (26-1-1761). Foi monge de S. Bento, e professor de philosophia e theologia na sua Religião. Parece ter sido o mais talentoso dos seus irmãos.

D. Eusebio Luciano Carvalho Gomes da Silva, (7-12-1763). Foi bispo de Nanquim.

Não temos noticia dos restantes.

D. Manoel Joaquim da Silva, formou-se na Universidade de Coimbra, em Philosophia e Jurisprudencia Ecclesiastica: foi conego da Basilica Patriarchal de Santa Maria Maior, Ministro do tribunal de Legacia, Juiz Executor da Bulla das Collectas, Promotor do Grão Priorado do Crato, Provisor e Vigario Geral com Jurisdicção Episcopal no mes-

mo Priorado, Juiz conservador dos Privilegios da Religião de Malta e arcebispo de Adrianopolis.

Teve grande ascendente no animo de D. João VI e foi por este principe encarregado da fundação do Seminario de Sernache do Bom Jardim.

Falleceu em 18 de maio de 1880 e jaz com seu irmão D. Marcellino, na igreja do Real Collegio das Missões; sob uma mesma lapide tem esta inscripção: «Aqui jaz o Ex.^{mo} D. Manoel Joaquim da Silva, 19.^o Provisor do Crato e o 1.^o com o titulo de Adrianopolis. Nasceu na Paparia aos 18 de dezembro de 1744. Falleceu aos 18 de maio de 1880.»



Padre Joaquim Ignacio

Reitor do Collegio das Missões Ultramarinas

E' natural da freguezia de Sernache do Bom Jardim, em cujo Collegio estudou com muito bom aproveitamento e conducta exemplar.

Depois de ordenado Presbytero, partiu para Macau em 1875, sendo logo nomeado vice-reitor e professor do seminario diocesano. Em agosto de 1878 foi para Timor, sendo encarregado pelo P.^o Medeiros de fundar as missões de Máubara e Liquiçá, onde se conservou até março de 1879, data em que, obrigado por grave doença contrahida n'aquelles inhospitos climas, voltou á patria.

Cançado e abatido escreveu então um relatorio de seus trabalhos missionarios, no qual fornece preciosas informações acerca dos progressos da Religião na China e Timor.

Dotado de um raro talento de observação e de facil e tenaz memoria ainda hoje recorda com admiravel precisão as suas viagens e soffrimentos, os arduos e continuos esforços com que elle e seus companheiros começaram a diffundir a Boa-Nova nas terras da Oceania, sob a inflexivel e apostolica disciplina do P.^o Medeiros, de tão saudosa memoria.

Ao ouvir-o fallar parece que se nos retratam ante os

olhos as lindas paisagens do Oriente, com suas vivas cores e aromas estranhos e delicados, ou então sentem-se os perigos de uma viagem n'um mar agitado sob o denso manto do nevoeiro n'um mercantil barco de velas que vae baloiçando os tripulantes em quanto o raio ameaça incendiar alguns saccos de polvora escondidos no fundo do porão.

E descrevendo estes factos que tanto nos commovem, ha na sua voz o encanto da modestia, a graça da naturalidade e o delicado receio de enfiadar.

Infelizmente não pode S. Ex.^a abrilhantar estas columnas com seus escriptos — sempre tão primorosos — porque soffre n'esta occasião a perda irreparavel da unica pessoa que lhe restava de sua familia e que Deus já certamente premiou em sua gloria.

Ha 20 annos que o Snr. P.^o Joaquim Ignacio é Reitor do Collegio onde foi admittido como professor em agosto de 1879, exercendo tambem o cargo de Vice-Reitor no anno de 1884.

Durante este longo periodo, em epochas diversas tem regido com reconhecida competencia a maior parte das aulas do curso theologico, usando como ainda hoje um methodo que obriga os alumnos a desenvolverem a intelligencia n'um estudo preciso, claro e facil.

Quasi todos os missionarios que actualmente gastam a sua actividade em nossas colonias ao lerem esta singela noticia biographica do seu antigo professor certamente hão de censurar a demasiada concisão e insufficiencia com que escrevemos.

Mas perdoem-nos. Não é facil descrever dignamente a vida d'esse missionario que a Providencia obrigou a sahir de Timor para que fosse em Portugal o amparo do instituto que o educava.

Esperamos que S. Ex.^{cia} nos desculpará esta affirmação simples e verdadeira tanto mais quanto é certo que a sua demonstração resulta da historia do Collegio e não das nossas palavras. E é de inteira justiça e inegalavel estimulo recordar o bem; acrescendo mais que todos os filhos do Collegio das Missões gostariam de mais uma vez ouvir como elle vendeu uma epocha difficil e angustiosa.

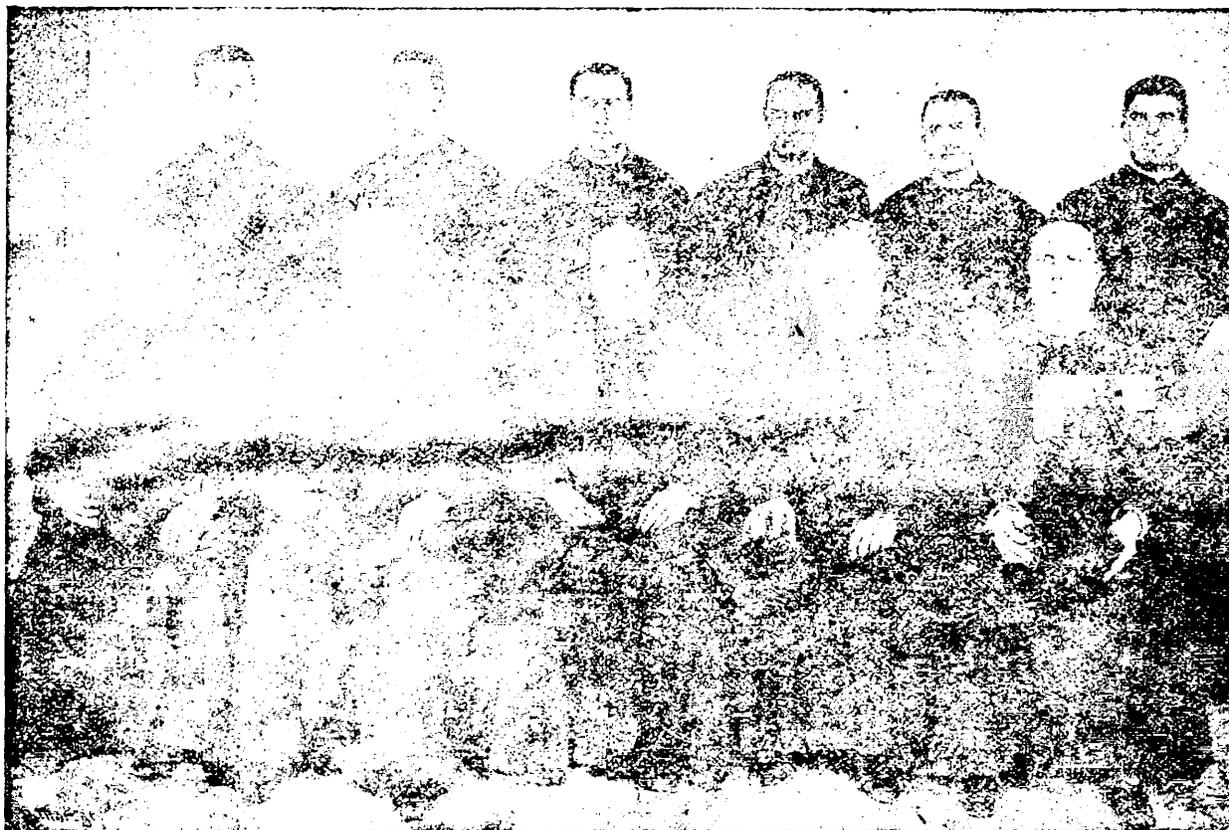
Mas para que recordar tão lamentaveis tempos? Será sufficiente que escutemos o snr. D. Antonio Leitão e Castro, Bispo de Angola, que descrevendo como superior do Collegio o estado em que o encontrara diz: *que o Rev. Padre Ignacio obtinha sob o seu credito pessoal o necessario para prover ao sustento de alumnos e professores.*

Omittimos ainda o que este venerando Prelado escreve acerca da benemerita acção do Snr. P.^o Joaquim Ignacio durante esse periodo angustioso.

Porém as palavras que citamos, insuspeitas e auctorisadas, não só exprimem um d'aquelles rasgos superiores a qualquer elogio, mas constituem por si sós o mais vigoroso desenho do character magnanimo do Snr. Reitor.

O snr. Reitor! é como lhe chamam os pobres a quem soccorre generosamente, os habitantes de Sernache que o veneram, os missionarios e alumnos do Collegio para os quaes elle trabalha, com uma assiduidade, zelo e carinho de pae extremoso, começando a sua faina muito antes da aurora, para que nada falte na complexa administração que lhe está confiada e no rigoroso cumprimento de seus deveres religiosos e sociaes a que satisfaz com escrupulosa pontualidade.

O Snr. Reitor! é o nome d'esse homem austero e affavel que não pode reprehender sem maguar o seu espirito caridoso nem consente que a sua natural bondade se opponha aos ditames da justiça e sempre, todos os dias e em todas as occasiões, tem a força e virtude necessarias para desculpar os que esquecem as finezas, os conselhos, a direcção e apoio que a todos presta com um desinteresse evangelico.



Grupo dos Professores do Real Collegio de Sernachê do Bom Jardim

Bem sabemos que é incompleto este quadro em que a verdade não admite vislumbre de lisonja.

Mas n'este dia memoravel o nosso illustre e bondoso Reitor, desculpando-nos, hade permittir o desafogo de nosso coração agradecido a expontanea e sincera homenagem dos mais ardentes votos que fazemos pelas prosperidades de S. Ex.^a, a quem tanto devem os filhos do Collegio das Missões.



Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Dezembro.

- 15—Sext. S. Euzebio, B. M. (J. jun)
- 16—Sab. Santa Adelaide, Imp. V. (J. jun)
- 17—Dom. S. Lazaro, B.
- 18—Seg. S. Espiridião.
- 19—Terç. Santa Eusta, mãe de Santa Anastacia.
- 20—Quart. S. Domingos de Silos, Ab. (Temporas, jej.)
- 21—Quint. S. Thomé Ap.
- 22—Sext. S. Honorato, M. (J. jun)
- 23—Sab. S. Servulo.
- 24—Dom. S. Gregorio, M.
- 25—Seg. Nascimento de N. Senhor Jesus Chri to.
- 26—Terç. S. Estevão, proto martyr.
- 27—Quart. S. João Ap. Evang.
- 28—Quint. Os S. Innocentes, Mm.
- 29—Sext. S. Thomaz, Arz. de Cantuaria, M.
- 30—Sab. S. Sabino, B. M.
- 31—Dom. S. Silvestre, P.



EXPEDIENTE

Com o presente numero conclue o «Progresso Catholico» o seu 28.^o anno de publicação.

Retemperada já n'estas arduas luctas da imprensa, a nossa revista prosegue ávante na sua continuação.

Vamos por isso, na graça de Deus, iniciar mais um anno. Mas, quantos obstaculos se nos antepõem, alguns mesmo avassalladores!

A imprensa catholica e ntirú a ter uma vida opprimida, sem lhe dar aso a grandes larguezas. Não dispõe de valiosas protecções, vivendo apenas de recursos proprios e da boa vontade de alguns homens de puras intenções que lhe dão o melhor da sua actividade, até com prejuizo seu.

Por entre os que assignam a nossa imprensa apparecem numerosos subscriptores que não satisfazem a sua importancia. E d'estes o numero é grande.

Como se hão de vencer tses obstaculos?

Vamos agora appellar para os nossos assignantes fieis, para os nossos propagadores, pedindo-lhes que diffundam esta nossa revista, para ao menos se preencherem as assignaturas vagas pelo fallecimento de assignantes.

Esperamos ser attendidos e por isso podemos prometter que continuaremos a melhorar o «Progresso Catholico» na medida das nossas forças.

A todos os nossos assignantes em divida pedimos que mandem satisfazer os seus debitos á apresentação dos saques que ultimamente enviamos pelo correio. Não sendo satisfeitos até ao fim do corrente anno suspenderemos a remessa aos que deverem dois annos.

Aos nossos actuaes assignantes pedimos a especial fineza da continuação da sua assignatura no novo anno, faver que muito agradecemos.

As gravuras e artigos do presente numero pertencem

ao n.º commemorativo do cinquentario da fundação do Collegio das Missões Ultramarinas no Sernache do Bom-jardim, publicação promovida pelos actuaes alumnos do dito Collegio.

A belleza e alto merecimento que têm levaram-nos a inserir-os no «Progresso Catholico» para assim ficar n'elle archivado tão fausto acontecimento.

Tão gentil cedencia obriga-nos a extremada gratidão, a qual exaramos aqui n'este logar.

ANNUNCIOS

IMITAÇÃO DE CHRISTO

3.ª NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo

Ex.mo e Rev.mo Snr. D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira, com folhas douradas	500 »
Em chagrin, idem	1\$000 »

PARECER DADO PELO EX MO E REV. MO SNR. DR. CONEGO COELHO DA SILVA
VIGARIO GERAL DA DIOCESE, SOBRE ESTA OBRA:

«Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

«O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiráveis e não o mais admirável saído das mãos do homem, não é para aqui dizê-lo.

«Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.mo Padre Manuel Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfectas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intelligivel para todos.

«As notas, que acompanham os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto».

Assim formulava o meu juizo em 10 d'abril de 1901. Agora nada tenho a acrescentar relativamente a esta 3.ª edição. O esgocamento de duas edições em tão pouco tempo é de per si eloquente.

Porto, 10 d'outubro de 1904.

CONEGO COELHO DA SILVA.

Em vista do parecer junto approvamos esta edição da *Imitação de Christo* e concedemos **50 dias de indulgencia** pela leitura de cada capitulo.

Porto, 12 de outubro de 1904.

† ANTONIO, BISPO DO PORTO.

FLORES DO CLAUSTRO E ARRULHOS DE POMBA

(*Vida intima d'uma andalusa capuchinha*)

Traduzida da quinta edição hispanhola

PELO

PADRE MANUEL MARINHO

Approvada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. D. ANTONIO
Bispo do Porto

Preço . . . 200 reis

TUDO POR JESUS

OU

Caminhos faceis do amor divino

PELO

REV. PADRE FREDERICO WILLIAM FABER

SUPERIOR DO ORATORIO DE S. PHILIPPE DE NERY (DE LONDRES)

DOUTOR EM THEOLOGIA

Obra traduzida do Inglez para o francez

POR

M. DE BERNHARDT

E D'ESTA LINGUA VERTIDA PARA O PORTUGUEZ

POR

F. PRETO PACHECO

2.ª EDIÇÃO

Com approvaçãõ e recommendaçãõ do Ex.º e Rev.º Snr.

D. Antonio, Bispo do Porto

Preço, brochade, 600 reis—Eucadernado, 800 reis

Vieira-Prégador—Estudo philosophico da eloquencia sagrada, segundo a vida e as obras do grande orador portuguez, pelo Padre Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral, S. J. — Dous grossos volumes 2\$000

O Livro de Todos—Pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez pe'lo sr. A. l'eixoto do Amaral — 1 vol., broch. 600

Horas de Piedade, ou orações selectas—Com approvaçãõ e recommendaçãõ de S. Em.ª o Snr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto—11.ª edição coordenada e consideravelmente augmentada—1 vol., enc. 250—edição de luxo 500

Jesus Vivo no Padre—Considerações sobre a excellencia e santidade do Sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.ª edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvaçãõ e recommendaçãõ dos Prelados portuguezes—Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

A Confissão Sacramental—Pelo Rv.º Mgr. Manuel Marinho -- Com approvaçãõ do Em.º Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch 250

Bento José Labre — Tributo de respeito no seu primeiro centenário, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães — Com approvaçãõ do Em.º Snr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol. broch. 400

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto e ás principaes livrarias.

**José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO**

103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.